

Latinvest monta FIP de R\$ 50 milhões

Gestora americana foca investir em startups de tecnologia – por Monique Azeredo

Há um ano no Brasil, com escritório no Rio de Janeiro, a gestora americana Latinvest Capital Partners está na reta final de estruturação de seu primeiro Fundo de Investimento em Participações (FIP), de R\$ 50 milhões, para investir em empresas de tecnologia. O principal diferencial desse fundo é que 30% do seu capital será destinado a startups. O FIP deve estar operando em dois meses e a meta é investir entre seis a oito empresas em estágio inicial, que atuam na área de produtos e serviços voltados à internet. O valor do aporte pode chegar até R\$ 2 milhões por projeto acolhido.

O fundo está sendo estruturado de forma que 30% seja para investir em empresas que apresentem faturamento anual de até R\$ 2,4 milhões, e os 70% restantes sejam para empresas “early stage”, que faturem a partir de R\$ 2,4 milhões. De acordo com ele, a captação está sendo feita junto a investidores institucionais.

O prazo de duração do fundo será de oito anos, compreendendo cinco para o período de investimento e mais três para o período de desinvestimento. Marcos Martins, CEO da Latinvest, diz que a grande maioria das empresas de tecnologia performa muito rápido, levando-o a acreditar que, na prática, o desinvestimento deve ocorrer em menos de cinco anos. Entre as opções de saída vislumbrada é a venda de participação para outro fundo, ou um competidor do mesmo setor em operação de fusão e aquisição.

Mesmo ainda em fase de estruturação, a gestora já recebeu cerca de 200 projetos, tendo pré-selecionados alguns que compõem um booking inicial, mas que não atinge ainda os 30% do capital que será direcionado para empresas iniciantes. Para facilitar o processo de seleção, a ideia é



Divulgação

MARTINS: 200 projetos recebidos

atuar em parceria com aceleradoras.

Para Martins, o custo de oportunidade é interessante e o retorno é muito bom quando se fala de investimento em startups no país. “O intuito desse fundo é preencher uma lacuna pouco explorada aqui no Brasil, que seria algo semelhante à atuação dos Venture Capital Series-A, bastante comuns nos Estados Unidos, mas que aqui tem a atuação um pouco engessada por conta das regras do mercado”, explica.

Por conta da normatização em vigor no país, que limita os investimentos dos FIPs em empresas S/A, a melhor estruturação encontrada pela gestora é desenvolver startups sob a égide de uma aceleradora que será utilizada como veículo operacional de investimento, e na qual o fundo deterá 100% de participação, e abaixo delas pode ser definido diversos modelos de participação societária abrangendo desde instrumentos de dívida conversível, SPE (sociedade de propósito específico) ou ainda estruturar cada uma dessas empresas como uma S/A.

“Nossa missão será desenvolver as empresas do nosso portfólio, contribuindo não apenas com o capital, mas também com governança, planejamento e networking até o momento do desinvestimento”, diz.

O executivo acredita que o desenvolvimento desse tipo de fundo permitirá mostrar para o mercado, de forma transparente, uma oportunidade ainda pouco explorada, que oferece uma relação de risco versus retorno interessante no universo dos FIPs, e que no longo prazo pode contribuir para o desenvolvimento de novos fundos com o mesmo perfil de atuação.

“Na indústria de fundos no Brasil, não conseguimos ver um fundo de TI que tenha performance para mostrar para o mercado. É tudo muito recente e acho que essa é nossa missão, ter um veículo formal, com base estatística para mostrar, para que a indústria cresça e se desenvolva, e também para que as startups recebam mais recursos”, diz o executivo.

No início deste mês a Comissão de Valores Mobiliários (CVM) colocou em audiência pública minuta propondo alterações na Instrução CVM nº 391/03, que dispõe sobre a constituição, o funcionamento e a administração dos FIPs. As alterações na norma refletem as propostas elaboradas pelo Comitê Técnico de Ofertas Menores e algumas medidas podem contribuir para aumentar os investimentos dos FIP nas empresas de pequeno e médio porte.

“A CVM está olhando para o mercado, vendo as reivindicações dos investidores e, ao que tudo indica, essa instrução será alterada. É uma forma de flexibilizar a forma de os FIPs aportarem capital, permitindo alocar os seus recursos em empresas menores”, aponta.

Com atuação direcionada para mercados emergentes, a Latinvest tem o Brasil como principal foco e enxerga o país como um celeiro de oportunidades. “Nós vemos o empreendedor brasileiro como principal ativo e diferencial, ele é muito criativo e consegue fazer muita coisa com pouco capital”, detalha o executivo.

Esse FIP servirá como uma espécie de teste para a Latinvest, e na medida em que for performando a empresa poderá montar outro fundo com volume maior. Novidades podem ser divulgadas em breve.